

## Imperialismo

---

### Mecanização e Sociedade

A mecanização da produção, iniciada no século XVIII, é confirmada no século XIX, dessa forma, alterará o sistema produtivo e a sociedade que vive em função desse sistema, pois necessita do trabalho para viver. As máquinas mudaram a função do trabalhador e a organização do sistema produtivo, além de aumentarem a capacidade de produção, popularizarem e baratearem o custo dos produtos manufaturados, já que a oferta começou a aumentar em relação a demanda. Mesmo com isso, a vida dos pobres urbanos não melhorou, pois, mesmo com alguns produtos baixando de preço, muitos trabalhadores perderam o emprego e outros tiveram seus salários reduzidos, uma vez que a oferta de mão-de-obra tornou-se ainda maior, por causa dos que perderam seu emprego para as máquinas. O trabalho passou a tornar-se cada vez mais repetitivo, essa repetição começou a promover patologias mentais e físicas, por causa do trabalho maçante que durava horas. Isso é um sintoma que perdura até hoje, podemos somar a isso o caos urbano e todos os problemas de se viver entre pessoas diferentes.

A educação começou a preparar o tipo de cidadão de que se precisava, o aluno deveria aprender as questões básicas e a respeitar hierarquias, deveria ter pouco senso crítico e uma grande capacidade de produção. Pode-se argumentar se isso não existe até hoje, sabendo-se de escolas que primam pela memorização dos assuntos, ao invés da reflexão, ou professores que cobram conceitos sem fazer uma ligação daquele assunto com a vida do aluno. Até hoje o furor da modernização é grande, a ideia de, cada vez mais, inovar e desenvolver as capacidades técnicas é grande, algumas tecnologias já saem de fábrica com data marcada para ficarem obsoletas. Quem compra computadores sabe disso, basta comprar o mais moderno para, no dia seguinte, ver que já existe algo mais avançado.

### Mecanização, Imperialismo e Ordem Mundial

O Imperialismo e a mecanização da produção são fatores que se complementam, estiveram sempre dialogando e se influenciando. Quanto mais aumentava a tecnologia das máquinas, mais a capacidade de produção era aumentada, mais produtos eram produzidos e mais matéria-prima era exigida. A quantidade de matéria-prima era o que motivava a invasão que a Europa promovia a outros países, buscando recursos e

explorando suas riquezas, portanto, quanto mais se produzia, maior era a necessidade de invadir e explorar novas colônias. Pode-se dizer que os atuais países pobres financiaram, no passado, e ainda financiam, a riqueza e o desenvolvimento da Europa.

O Imperialismo é um marco da organização mundial, pois, com as explorações, muitas culturas foram exploradas, massacradas e empobrecidas, a Europa promoveu uma influência política e cultural nesses lugares que hoje são, em sua maioria, países pobres. Essa exploração do passado repercute até hoje, quando vemos países com conflitos internos, pobreza, problemas ambientais e sociais, choques políticos e falta de identidade. Esse roubo de recursos promovido pelos europeus fez com que eles enriquecessem e empobreceram as colônias, e isso repercute nos dias que vivemos, pois vemos que a Europa mantém-se muito rica e os países pobres continuam sendo subservientes às políticas globais, formuladas pela Europa e pelos EUA. A divisão internacional do trabalho, ocorrida no século XIX, que determinava quem cederia matérias-primas e quem desenvolveria atividades mais sofisticadas mantém-se, até hoje, e denuncia um problema de controle geopolítico e de diferenças de riqueza entre as nações, como dois fatores históricos. A Ordem Mundial foi consolidada naquela época e é uma situação difícil de reverter.

Esse é um vínculo interessante da Geografia com a História, explicar a geopolítica e a organização mundial atual, saber em qual momento se tornaram claros os contornos que vivemos, atualmente. Pensar sobre um fato, em um momento da história e em um local do espaço geográfico, que deu origem a uma série de outros fatos, que deram origem a tantos outros. Sem o evento anterior, não haveria o posterior, é assim que se constrói a história e a geografia do Mundo.

### O Imperialismo como Prática e o Progresso como Justificativa

Um século após a Revolução Industrial, ocorria um segundo “boom” de desenvolvimento tecnológico, uma série de ferramentas começaram a se desenvolver e a infraestrutura foi desenvolvida: os transportes, as construções e a comunicação progrediram, como nunca antes havia ocorrido. Todo esse desenvolvimento da modernidade visava somente um fim, o progresso, e tudo era justificado em nome do progresso, era uma “blasfêmia”, na época, alguém se colocar no caminho do progresso. A exploração das colônias foi justificada pelo progresso e a cultura da modernidade devastou e aniquilou as culturas tradicionais, promovendo uma mudança, a nível global, era o princípio da homogeneização dos lugares, cada vez mais a tendência era de que

tudo se tornasse padronizado. Com a globalização atual e a Era da informação essa padronização e a formação de uma cultura de massa se tornarão algo incrível, o poder de pulverizar, pelo Mundo, conceitos e ideias voltadas para o consumo, é algo que não se imaginava sem o advento das comunicações. Pode-se dizer que as culturas tradicionais, hoje, são devastadas pela informação, e que não há necessidade de uma invasão pessoal, a TV, o rádio, a internet e os jornais fazem bem esse papel de “colonizadores”.

Com a produção mecanizada e com a exploração das colônias, as empresas européias estavam com muito capital excedente (vulgo dinheiro sobrando), mas elas não investiriam para melhorar a vida das pessoas que passavam por dificuldades, pois isso não gera mais lucros. Capital sempre tende a gerar mais capital, um capitalista jamais pensa em investir seu dinheiro em algo que não lhe traga mais dinheiro. Portanto, a solução que os empresários europeus encontraram foi deslocar filiais de suas empresas para as colônias, buscando formar mercados consumidores dentro dos países que eles mesmos exploravam para obter matérias-primas. Como os países não possuíam infraestrutura para a instalação das empresas, os empresários emprestavam dinheiro à colônia com juros, para que construíssem as obras necessárias para instalação dos espaços produtivos. Isso fez com que os donos de empresas, além de ganhar mercados consumidores em países pobres, mantivessem esses países em suas mãos, pois deviam dinheiro aos empresários. Essa expansão das redes industriais pelo mundo e essa explosão tecnológica das empresas européias, foram chamadas de Segunda Revolução Industrial. Essa é uma prática que se populariza muito, durante o século XX.

Pouco a pouco, as cidades dos países coloniais foram transformando-se em faixas de pobreza, pois muitas pessoas largavam o meio rural para vir para a cidade, atrás de melhores condições. Isso ocorria porque, no meio rural, as empresas também estavam se instalando, só que necessitavam de pouca mão-de-obra, e isso gerou a mão-de-obra excedente necessária para manter os salários baixos. Quando existem mais empregados que vagas, o salário baixa, pois o trabalho é uma mercadoria, quando existe mais oferta que demanda, o preço cai, isso já foi visto em texto anterior. As cidades estavam cheias de pessoas sem emprego e operários com salários miseráveis: situação parecida com a da Europa, na época da Revolução Industrial; o grande “boom” urbano industrial no Brasil ocorre a partir de 1920, quando a cidade começa a ser preferida em detrimento do campo.

No princípio só as elites locais compravam os produtos produzidos por empresas européias, dentro das colônias; mas com o passar do tempo e os estímulos que os governos locais foram dando ao consumo, bem como por influência das propagandas buscando mostrar o valor do materialismo, foi-se criando, nesses países, mercados

consumidores bastante grandes (mas isso apenas no século XX).

O interessante da palavra “Imperialismo” é que ela está muito atrelada a ações de Estados-Nações. O que há de interessante nisso? Que o Estado-Nação Moderno é um conceito que é construído basicamente pela Burguesia, ganhando fortes contornos após a Revolução Francesa. Revolução que lutava contra os desmandos e abusos do Estado, do Estado Absolutista. Ora, se a intenção dos franceses era promover uma série de discussões, contratos e acordos que promovessem um Estado mais justo e igualitário, o que saiu errado? Se o Estado é justiça e diálogo, como pode agir como um império e oprimir? Algo se perdeu, dentro desse discurso.

### Exploração Econômica e Massacre Cultural

O europeu tinha para si a ideia de que possuía uma cultura superior a de outros povos, o europeu era o civilizado enquanto os outros países eram os selvagens. Essa ideia serviu de desculpa para os colonizadores destruírem as culturas tradicionais, impondo sua racionalidade às colônias, fosse a ideia de que a raça branca era superior às outras, ou a de que a razão estava acima das crenças locais, ou a de que a ciência era mais importante do que o saber popular, ou a de que a Igreja Católica era uma religião acima de outras. O fato é que os países absorveram isso (e foram obrigados a isso), e hoje vivem com costumes europeus sem saber que os têm.

A ideia do consumo e da industrialização também foi trazida para as colônias e começou a crescer, na verdade o que se buscava, com essas padronizações culturais, era explorar e roubar as riquezas dos países mais pobres. Tática que ainda funciona assim, consumimos muitos produtos, mas quem leva o lucro são empresas estrangeiras como Nike, Coca-Cola etc. A África e a Ásia foram devastadas por países como Alemanha, França, Inglaterra e Holanda, já a América Latina, nesse período, foi explorada pelos Estados Unidos. Os EUA foram a colônia que adquiriu o poder de colonizadora quando realizou sua independência, pelos motivos já apresentados em textos anteriores. Isso revela uma grande ciclicidade nos comportamentos históricos.